

Faces do Tempo

Walter Paulo Sabella*

De que porto fez-se ao largo
a nau do tempo?
Qual será seu derradeiro cais?
O tempo é rio de águas translúcidas
rumo à foz do horizonte.
É cântaro a verter, constante,
nas entranhas do nada.
Andarilho invisível, sob luz ou trevas,
dilui as próprias pegadas.
O tempo é caudal que arrasta segredos
e medos para os longes do nunca mais.
E extingue o incenso dos sonhos
como o sopro fulmina a candeia.
O tempo não se oculta no breu das grutas
ou na noite dos bosques.
Não está na ânfora que o mar
devolve à praia, na cela das torres
ou no claustro das abadias.

O tempo, que é o pássaro e o voo,
a miragem e o oásis, não se entranha
nas fendas das falésias, ou no musgo que
veste os penhascos.

Não está na sombra dos abismos
ou sob o espelho das nascentes,
mas habita os ares.

Está em toda parte.

Para que mares corre o rio do tempo?

Para que céus o levam suas asas?

E o tempo que está por vir
saberá das coisas de agora?

E o agora, de tão finito, esvaiu-se
com o som da palavra!

E se a voz a repetir, já não será o mesmo,
mas um outro tempo.

E as estrelas, desde quando estão lá?

O Tempo saberá, pois é guardião
de todos os mistérios.

E o oráculo, de que se ocuparia
se não houvesse o Tempo?

O que diria o mito
se soubesse da própria finitude?

O Tempo é boca voraz, jamais saciada.

Recobre as valas dos mortos anônimos,
enterra coroas e cetros,
aplaca a sanha dos genocidas.
Impassível, segue seu fanal e tudo devora:
o delírio dos monarcas, o zelo dos beatos,
a flama dos guerreiros.

O Tempo é artesão da vida.
Com seus dedos de milênios,
modela as obras favoritas:
a paz dos portos abandonados,
a solidão das cidades mortas,
a quietude das ermidas,
a caliça dos reinos desolados,
as cinzas dos vulcões extintos.

O Tempo não se enreda nas teias dos homens
E não o detém a muralha das cordilheiras.

Não repousa nas estâncias do infinito
Não perambula pelo ermo dos astros
Nem dormita nas fossas abissais dos mares.
De que névoas de idas eras
rompeu o milagre atroz do Tempo?
De que nascentes da amplidão
jorra o fluxo do Tempo?
Enquanto os invasores sitiam a paliçada

e os encurralados adiam a rendição;
enquanto as aves noturnas vigiam
do cimo dos minaretes, e os mártires dormem
o sono eterno na penumbra das criptas,
o Tempo segue.

Enquanto o silêncio é resposta
para a angústia dos sábios, e o felino descansa
para a caça da noite; enquanto deuses e totens
emudecem na surdez da pedra,
infensos às romarias da fé, o Tempo não para.

Enquanto os soldados limpam o sangue
das baionetas, e o peregrino se recolhe
ao asilo da tenda; enquanto o naufrago resiste
à fúria das ondas, e o falcão corta o espaço
em direção à presa, o Tempo corre.

Enquanto os diplomatas fracassam
e os curas rezam nas aldeias; enquanto os
generais apostam os dados da morte e mãos de
rapina tomam o butim aos vencidos, o Tempo
se esvai.

O Tempo avança para sua ignota morada
enquanto as portas da Paz continuam cerradas.

Enquanto os vulcões extintos calam

suas gargantas ressequidas e, nas vísceras da Terra, o óleo negro espera as mãos heréticas do homem, o Tempo vai, em seu fluir de eternidade.

Pois o tempo do Tempo é o sempre.

O Tempo é menino ou ancião?

Terá havido um dia em que o Tempo foi criança?

Que fonte é essa de que brotam as cascatas do Tempo?

De que santuário do infinito ele vem?

Acaso entra por uma porta secreta dos céus?

Ou por essa porta se consome?

Enquanto os ventos sopram na planura dos campos; enquanto as garras da vida seduzem os homens, e as dádivas da morte os espreitam; enquanto as feras hibernam na escuridão das furnas, e o sacre, solitário, sobrevoa a fornalha das dunas,

o Tempo não se detém, ainda por um átimo.

Enquanto os veleiros ancorados no cais da esperança miram brisas viageiras que os levem ao mar alto,

e o diamante jaz, intocado, no negror da mina,

o Tempo lapida o mundo.
O Tempo é senhor das almas
e guardião dos corpos.
É ancestral das gerações.
Ah! As gerações! Perecíveis testemunhas dos
átomos do tempo, de frações nanomilesimais de
sua infinitude.

*O autor é procurador de Justiça, com licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atuou no radiojornalismo e na imprensa escrita. É membro da Academia Brasileira de Direito Criminal.